

Chegada da recessão divide analistas

Nilton Horita e Lia Carneiro

SÃO PAULO — O Brasil não está, neste momento, em recessão. Na verdade, existem alguns setores registrando desaquecimento, enquanto outros rodam seus negócios normalmente. Está acontecendo algo parecido com o que ocorreu nas primeiras semanas depois do Plano Collor. A liquidez, naquela época, começou a voltar para a economia pelo varejo. Desta vez, a recessão começa a apresentar seus primeiros sinais nas áreas que trabalham com bens de consumo (televisores, geladeiras, fogões, aparelhos de som e lavadoras de roupas, por exemplo), mas passa ao largo para quem produz e vende alimentos.

“Estamos tendo o início de um processo de desaquecimento desigual”, registra Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central. Os bens manufaturados estão sofrendo primeiro porque são aqueles produtos mais sensíveis às taxas de juros. As vendas de videocassetes, por exemplo, são feitas em três ou quatro parcelas de pagamento. Com a taxa de juros em alta, as vendas a prazo já apresentam sinais de forte retração. Em outros setores que trabalham com artigos baratos, porém, não está havendo problemas. A Malharia Rosset realizou planejamento de vender 150 mil biquínis entre a edição do Plano Collor e o final do ano. Os 150 mil biquínis esgotam-se, no entanto, já no mês que vem.

Da mesma forma não estão preocupados com recessão os principais executivos de redes de varejo como Vendex (controladora da Ultramar, Sears e Bob's) e Paes Mendonça. “A retra-



Langoni: processo é desigual

ção de demanda se verifica em vendas de eletrodomésticos”, afirma Vander Vasconcelos, diretor do Paes Mendonça. “Para os artigos do dia-a-dia, não sentimos nenhum problema. A sociedade tem poder aquisitivo para comprar toalhas, colchas, pãozinho e refrigerantes, por exemplo.” Como, porém, o governo assumiu

que irá controlar a inflação pela recessão no segundo semestre, as redes de varejo começam a reciclar os planejamentos estratégicos. “Vamos administrar nossos estoques de forma casada. Ou seja, o que vendeu, nós compramos, nada mais, por precaução. Agora, a nossa realidade não mostra que esteja havendo recessão”, afirma Arnaldo Bisoni, vice-presidente do Grupo Vendex.

Receio — “De tanto falarem nisso, começamos a ter medo de uma parada cardíaca para o segundo semestre”, confessa também Walter Arida, diretor das Indústrias Frufru, uma das cinco maiores do setor de etiquetas para vestuário e fitas promocionais. “Mas até agora a recessão não passou pela nossa porta. Continuamos a vender os mesmos quatro milhões de metros de etiquetas por mês”, afirma. O setor de etiquetas está bem próximo ao varejo. Ao continuar recebendo pedidos normalmente, a Frufru mostra que as fábricas de roupas continuam achando que vão continuar vendendo. Mas pode, também, ter havido uma especulação em estoques por parte das indústrias — há duas semanas, quando a inflação ainda aparentava estar em aceleração, era melhor comprar matéria-prima que aplicar dinheiro no over —, um movimento que deverá cessar com os primeiros sinais de que a taxa de inflação vai cair.

Este é um fator que explica a continuidade da produção de alguns setores que estão próximos ao varejo, além das vendas que prosseguem em artigos como alimentos e vestuário do dia-a-dia. Agora, no que se refere aos bens de

consumo, há problemas. É bom lembrar, que logo depois do Plano Collor as lojas venderam muitos eletrodomésticos em prestações, que estão acabando de ser pagas agora. Segundo economistas, pode ser que estes consumidores voltem a realizar um novo ciclo de compras por crediário ao quitar os seus cartões dos produtos adquiridos em abril, por exemplo. Ou pode ser que este mesmo cidadão perca seu emprego e sinta que seu salário não dá mais para pensar em adquirir um bem de valor mais alto. “Este é o cenário mais provável”, afirma o economista Henri Gonzalez.

“Afinal, por mais que a sociedade resista, o governo está empenhado em construir uma recessão”, afirma Marcel Solimeo, diretor da Associação Comercial de São Paulo. “Num quadro de recessão com democracia, podemos ter desaquecimento com aumento salarial e o ajuste se dará pelo nível de emprego. Diante desta perspectiva, será difícil comprar à prestação.” Os economistas são definitivos em dizer que a economia brasileira aponta uma recessão pelos números de desemprego e queda nas vendas. Mas nem todos pensam assim. Na opinião de Fernando Carmine, diretor da Metalúrgica Barbará, o desemprego constatado não foi fruto de demissões por queda da atividade produtiva. “Foi mais fruto do processo de ajuste que as empresas se viram obrigadas a fazer para se adequar ao processo de busca da produtividade”, afirma. Estes novos tempos pedem das empresas um esforço brutal em aumentar sua produtividade e remodelação dos produtos fabricados. E, neste processo, os empresários percebem gorduras que foram cortadas.

Angela Duarte